

“Operação Chumbo Fundido”, parte de uma agenda mais ampla dos militares e serviços secretos israelenses

Invasão de Gaza

By [Prof Michel Chossudovsky](#)

Global Research, January 16, 2009

16 January 2009

Os bombardeamentos aéreos e a presente invasão de Gaza pelas forças terrestres israelenses têm que ser analisados num contexto histórico. A operação “Chumbo Fundido” (“Cast Lead”) é uma missão cuidadosamente planeada que, por sua vez, faz parte de uma estratégia militar-serviços secretos formulada pela primeira vez em 2001:

“Fontes do ‘establishment’ da defesa disseram que o ministro da Defesa Ehud Barak deu instruções às forças de defesa israelenses para se prepararem para a operação, há mais de seis meses, na altura em que Israel estava a começar a negociar um acordo de cessar fogo com o Hamas”. (Barak Ravid, [Operation “Cast Lead”: Israeli Air Force strike followed months of planning](#) [Operação “Chumbo Fundido”. O ataque da Força Aérea israelense vem na sequência de meses de preparativos], Haaretz, 27 de Dezembro, 2008).

Foi Israel quem quebrou as tréguas no dia das eleições presidenciais americanas, a 4 de Novembro:

“Israel serviu-se desta diversão para quebrar o cessar-fogo com o Hamas, bombardeando a faixa de Gaza. Israel declarou que esta violação do cessar-fogo pretendia impedir o Hamas de escavar túneis no território israelense.

Logo no dia seguinte, Israel desencadeou um cerco terrorista a Gaza, impedindo a entrada de alimentos, combustível, medicamentos e outros bens necessários na tentativa de “subjugar” os palestinianos, enquanto simultaneamente efectuava incursões armadas.

Em resposta, o Hamas e outros em Gaza voltaram a alvejar Israel com projecteis de petróleo inflamado, artesanais e quase sempre imprecisos. Durante os últimos sete anos, estes projecteis causaram a morte de 17 israelenses. Durante o mesmo período de tempo, os ataques relâmpago de Israel mataram milhares de palestinianos, suscitando um protesto mundial que caiu em orelhas moucas nas NU”. (Shamus Cooke, *The Massacre in Palestine and the Threat of a Wider War*, Global Research [O Massacre na Palestina e a Ameaça de uma Guerra Mais Ampla], Global Research, Dezembro, 2008).



DESASTRE HUMANITÁRIO

PLANEADO

A 8 de Dezembro, o vice-secretário americano de Estado, John Negroponte, esteve em Tel Aviv para discussões com os seus homólogos israelenses, incluindo o director do Mossad, Meir Dagan.

A “Operação Chumbo Fundido” iniciou-se dois dias depois do Natal. Foi acompanhada de uma campanha internacional de Relações Públicas, cuidadosamente planeada, sob os auspícios do ministro dos Estrangeiros de Israel.

O principal objectivo não são os alvos militares do Hamas. A operação “Chumbo Fundido” pretende, deliberadamente, provocar baixas civis.

Trata-se de um “desastre humanitário planeado” em Gaza.

O objectivo a mais longo prazo deste plano, conforme formulado pelos políticos israelenses é a expulsão dos palestinos das terras palestinas:

“Aterrorizar a população civil, garantindo a destruição máxima de propriedades e recursos culturais... A vida diária dos palestinianos tem que se tornar insuportável: Têm que ser encerrados nas cidades e aldeias, impedidos de exercer a sua vida económica normal, afastados dos locais de trabalho, das escolas e dos hospitais. Isso encorajará a emigração e enfraquecerá a resistência a futuras expulsões” (Ur Shlonsky, citado por Ghali Hassan, [Gaza: The World’s Largest Prison](#) [Gaza: A Maior Prisão do Mundo], Global Research, 2005)

“OPERAÇÃO VINGANÇA JUSTIFICADA”

Chegou-se a um momento decisivo. A operação “Chumbo Fundido” faz parte duma operação militar-serviços secretos mais ampla, iniciada no começo do governo de Ariel Sharon em 2001. Foi na “Operação Vingança Justificada” que os aviões de guerra F-16 foram inicialmente utilizados para bombardear cidades palestinas.

A “Operação Vingança Justificada” foi apresentada em Julho de 2001 ao governo israelense de Ariel Sharon pelo chefe do estado-maior do exército israelense, Shaul Mofaz, com o título “A Destruição da Autoridade Palestina e o Desarmamento de Todas as Forças Armadas”.

“Em Junho passado [2001] foi concebido um plano de contingência, com o nome de código Operação Vingança Justificada, para reocupar toda a Margem Ocidental e possivelmente a Faixa de Gaza com um custo provável de ‘centenas’ de baixas israelenses”. (Washington Times, 19 de Março, 2002).

Segundo a [consultoria britânica] Jane’s Foreign Report (12 de Julho, 2001), o exército israelense de Sharon actualizara os seus planos para um “ataque total a fim de esmagar a Autoridade Palestina, expulsar Yaser Arafat e matar ou capturar o seu exército”.

“JUSTIFICAÇÃO DO BANHO DE SANGUE”

A “Justificação do Derramamento de Sangue” era um componente essencial deste plano. A matança de civis palestinos era justificada por “razões humanitárias” como resposta aos ataques suicidas:

O assalto será desencadeado, quando o governo entender, após um grande ataque bombista suicida em Israel, que provocar muitos mortos e feridos, citando o derramamento de sangue como justificação. (Tanya Reinhart, [Evil Unleashed, Israel’s move to destroy the Palestinian Authority is a calculated plan, long in the making](#) . [Diabo à Solta, acção de Israel para destruir a Autoridade Palestina é um plano calculado, há muito em acção]. Global Research, Dezembro de 2001).



O PLANO DAGAN

Esta operação também é conhecida por “Plano Dagan”, de Meir Dagan, que chefia actualmente o Mossad, a organização de serviços secretos de Israel.

O general na reserva Meir Dagan foi conselheiro de segurança nacional de Sharon durante a campanha eleitoral de 2000. Segundo parece, o plano foi formulado antes da eleição de

Sharon para primeiro-ministro em Fevereiro de 2001. “Segundo o artigo de Alex Fishman no Yediot Aharonot, o Plano Dagan consistia em destruir a autoridade palestina e em pôr Yaser Arafat ‘fora de jogo’.” (Ellis Shulman, [“Operation Justified Vengeance”: a Secret Plan to Destroy the Palestinian Authority](#) . [“Operação Vingança Justificada”: um Plano Secreto para Destruir a Autoridade Palestina], Março de 2001):

“Conforme noticiado no Foreign Report [Jane] e revelado localmente por Maariv, o plano de invasão de Israel – alegadamente baptizado de Vingança Justificada – **será desencadeado imediatamente a seguir às próximas explosões bombistas suicidas que provoquem elevadas baixas, durará cerca de um mês e provavelmente provocará a morte de centenas de israelenses e de milhares de palestinos** (Ibid.).

O plano Dagan também previa a chamada “cantonização” dos territórios palestinos em que a Margem Ocidental e Gaza ficarão completamente separadas uma da outra, com “governos” independentes em cada um dos territórios. Neste cenário, já encarado em 2001, Israel:

“negociará em separado com as forças palestinas dominantes em cada território palestino, com as forças responsáveis pela segurança, pelas informações, e até mesmo com o Tanzim (Fatah)”. O plano é pois parecido com a ideia da “cantonização” dos territórios palestinos, adiantado por uma série de ministérios”. (Sylvain Cypel, [The infamous ‘Dagan Plan’ Sharon’s plan for getting rid of Arafat](#) [O “Plano Dagan”, o vergonhoso plano de Sharon para se ver livre de Arafat], Le Monde, 17 de Dezembro, 2001).

O Plano Dagan manteve-se em vigor, apesar das mudanças de governo na sequência das eleições de 2000. Meir Dagan foi encarregado de um papel fundamental. “Tornou-se o ‘intermediário’ de Sharon em questões de segurança junto dos enviados especiais do presidente Bush, Zinni e Mitchell”. Subsequentemente foi nomeado director do Mossad pelo primeiro-ministro Ariel Sharon em Agosto de 2002. Manteve-se chefe do Mossad e foi reconfirmado no seu cargo como director dos Serviços Secretos Israelenses pelo primeiro-ministro Ehud Olmert em Junho de 2008.

Meir Dagan, em coordenação com os seus homólogos americanos, tem sido o responsável pelas diversas operações militar-serviços secretos, incluindo o assassinato de Yaser Arafat em 2004. Vale a pena assinalar que Meir Dagan, quando era um jovem coronel, trabalhou estreitamente com o Ministro da Defesa Ariel Sharon nos ataques a colonatos palestinos em Beirute em 1982. Os ataques de 2008-2009 em Gaza, em muitos aspectos, têm uma grande semelhança com as operações militares de 1982.

CONTINUIDADE: DE SHARON A OLMERT

É importante focar uma série de acontecimentos chave que conduziram à matança em Gaza, com a “Operação Chumbo Fundido”:

1. O assassinato em Novembro de 2004 de Yaser Arafat. Este assassinato esteve sempre em cima da mesa desde 1996, com a “Operação Campos de Espinhos”. Segundo um documento de Outubro de 2000, “preparado pelos serviços de segurança, a pedido do então primeiro-ministro Ehud Barak, afirmava-se que ‘Arafat, em pessoa, é uma séria ameaça para a segurança do estado [de Israel] e o prejuízo que resultar do seu

desaparecimento é menor do que o prejuízo causado pela sua existência. (Tanya Reinhart, [Evil Unleashed, Israel's move to destroy the Palestinian Authority](#) [Diabo à Solta, acção de Israel para destruir a Autoridade Palestina é um plano calculado, há muito em acção]. Global Research, Dezembro de 2001. Pormenores do documento foram publicados em Ma'ariv, 6 de Julho, 2001).

O assassinato de Arafat foi decidido em 2003 pelo ministério israelense. Foi aprovado pelos EU que vetaram uma Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas condenando a decisão de 2003 do ministério israelense. Em resposta ao crescendo dos ataques palestinos, em Agosto de 2003, o ministro da Defesa israelense, Shaul Mofaz declarou “guerra total” aos militantes a quem jurou “marcados para a morte”.

Em meados de Setembro, o governo de Israel aprovou uma lei para se ver livre de Arafat, o ministério dos Assuntos de Segurança Política de Israel declarou que era “uma decisão para afastar Arafat, um obstáculo para a paz”. Mofaz ameaçou: “iremos escolher o caminho certo e a altura certa para matar Arafat”. O ministro palestino Saeb Erekat disse à CNN que pensava que Arafat seria o alvo seguinte. A CNN perguntou ao porta-voz de Sharon, Ra'anun Gissan, se o voto significava a expulsão de Arafat. Gissan esclareceu, “Não é nada disso. O ministério resolveu hoje afastar este obstáculo. A altura, o método, a forma como isso acontecerá será decidido em separado, e os serviços de segurança vão acompanhar a situação e fazer as recomendações sobre a acção apropriada”. (Ver Trish Shuh, Road Map for a Decease Plan [Via para um Plano de Morte], www.mehrnews.com , 9 de Novembro de 2005).



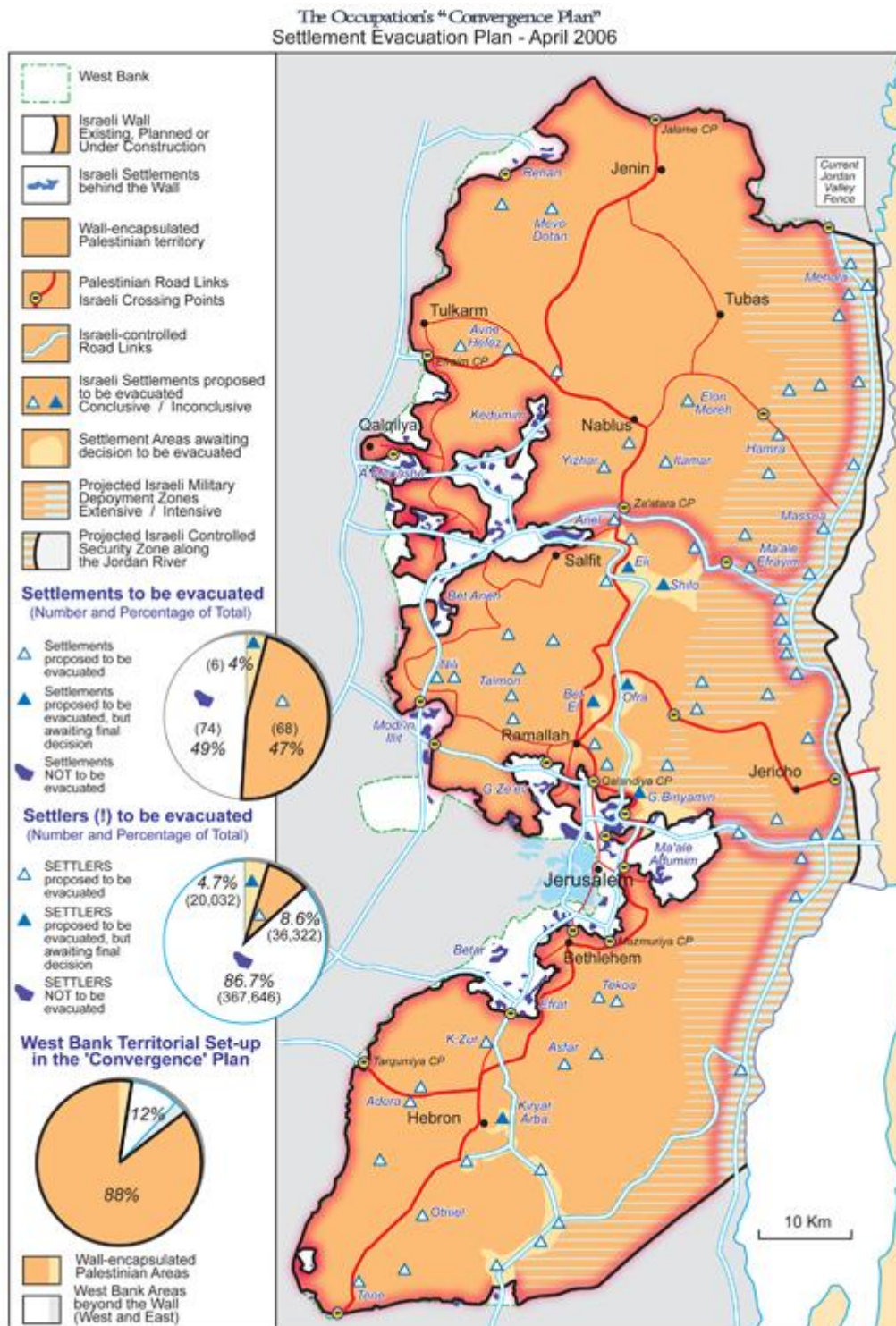
O assassinato de Arafat fazia parte do Plano Dagan de 2001. Com toda a probabilidade, foi efectuado pelos serviços secretos israelenses. Destinava-se a destruir a Autoridade Palestina, fomentar divisões no seio do Fatah e entre o Fatah e o Hamas. Mahmoud Abbas é um quisling palestino. Ele foi instalado como dirigente do Fatah, com a aprovação de Israel e dos EUA, os quais financiam os paramilitares e as forças de segurança da Autoridade Palestina.

2. A retirada em 2005, sob as ordens do primeiro-ministro Ariel Sharon, de todos os colonatos judaicos em Gaza. Foi realojada uma população judaica de mais de 7 000 pessoas.

“É minha intenção [Sharon] levar a efeito uma evacuação – perdão, um realojamento – de colonatos que nos estão a causar problemas e de locais que não iremos manter como colonato final, tal como os colonatos de Gaza... Estou a trabalhar na presunção de que no futuro não venha a haver judeus em

Gaza'', disse Sharon''. ([CBC, Março, 2004](#)).

A questão dos colonatos em Gaza foi apresentado como fazendo parte da “via para a paz” de Washington. Festejado pelos palestinos como uma “vitória”, esta medida não foi dirigida contra os colonos judeus. Bem pelo contrário: Fez parte duma operação secreta geral, que consistiu em transformar Gaza num campo de concentração. Enquanto houvesse colonos judeus a viver dentro de Gaza, não era possível concretizar o objectivo de manter um grande território barricado como uma prisão. A implementação da “Operação Chumbo Fundido” exigia que “não houvesse judeus em Gaza”.



3. A

construção do vergonhoso Muro Apartheid foi decidida logo no início do governo de Sharon (ver mapa).

4. A fase seguinte foi a **vitória do Hamas nas eleições de Janeiro de 2006** . Sem Arafat, os arquitectos militar-serviços secretos israelenses sabiam que o Fatah com Mahmoud Abbas iria perder as eleições. Com o Hamas à frente da Autoridade Palestina, e com o pretexto de que o Hamas é uma organização terrorista, Israel poderia levar a efeito o processo de cantonização conforme formulado segundo o Plano Dagan.

ATAQUE TERRESTRE

Em 3 de Janeiro, os tanques e a infantaria israelense entraram em Gaza numa grande ofensiva terrestre:

“A operação terrestre foi precedida por várias horas de fogo de artilharia pesada após o escurecer, incendiando os alvos com chamas que irromperam no céu da noite. Ouvia-se o matraquear das metralhadoras enquanto as brilhantes esferas relampejavam através da escuridão e o explodir de centenas de bombas projectava riscos de fogo. (AP, 3 de Janeiro, 2009).

Fontes israelenses apontaram para uma operação militar prolongada. “Não vai ser fácil e não vai ser rápido”, disse o Ministro da Defesa Ehud Barak num comunicado na TV.

Israel não está a tentar obrigar o Hamas “a cooperar”. O que estamos a observar é a implementação do “Plano Dagan” conforme inicialmente formulado em 2001, que requeria:

“uma invasão do território controlado pelos palestinos, por cerca de 30 mil soldados israelenses , com a missão claramente definida de destruir a infra-estrutura da direcção palestina e de arrebatam o armamento actualmente na posse das diversas forças palestinas, e de expulsar ou matar os seus dirigentes militares. (Ellis Shulman, op. cit.).

A questão mais lata é se Israel, em convívio com Washington, pretende desencadear uma guerra mais alargada.

Poderá ocorrer uma expulsão em massa em qualquer fase posterior da invasão terrestre, se os israelenses vierem a abrir as fronteiras de Gaza para permitir o êxodo da população. A expulsão foi referida por Ariel Sharon como “uma solução ao estilo de 1948”. Para Sharon, “é apenas necessário encontrar outro estado para os palestinos. – ‘A Jordânia é a Palestina’ – foi a frase que Sharon criou”. (Tanya Reinhart, op. cit.).

O original encontra-se em :

<http://www.globalresearch.ca/index.php?context=va&aid=11606>, 4 de Janeiro de 2009.

Tradução de Margarida Ferreira. [Resistir](#).

The original source of this article is Global Research
Copyright © [Prof Michel Chossudovsky](#), Global Research, 2009

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

Articles by: [Prof Michel Chossudovsky](#)

About the author:

Michel Chossudovsky is an award-winning author, Professor of Economics (emeritus) at the University of Ottawa, Founder and Director of the Centre for Research on Globalization (CRG), Montreal, Editor of Global Research. He has undertaken field research in Latin America, Asia, the Middle East, sub-Saharan Africa and the Pacific and has written extensively on the economies of developing countries with a focus on poverty and social inequality. He has also undertaken research in Health Economics (UN Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), UNFPA, CIDA, WHO, Government of Venezuela, John Hopkins International Journal of Health Services (1979, 1983) He is the author of 13 books including *The Globalization of Poverty and The New World Order* (2003), *America's "War on Terrorism"* (2005), *The Globalization of War, America's Long War against Humanity* (2015). He is a contributor to the *Encyclopaedia Britannica*. His writings have been published in more than twenty languages. In 2014, he was awarded the Gold Medal for Merit of the Republic of Serbia for his writings on NATO's war of aggression against Yugoslavia. He can be reached at crgeditor@yahoo.com

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca